

A RETÓRICA DA MÍDIA SOBRE A VOZ DE LULA

By Carlos Piovezani



Following the announcement of Brazilian former president Lula's throat cancer on 29 October 2011, the risks presented to his voice gave rise to a wide range of comments. In this essay we propose to analyze them in terms of their different meanings and their distinct rhetorical procedures. We further undertake a reflection on certain aspects of Brazilian history, which are preserved in one of the strongest voices of the country, in order to answer the following questions: Why was Lula's voice mentioned frequently? What are the bases and implications of these comments? What role did his voice play in his public speeches, in the composition of his charisma, and in his political success?

"**E**u, eu, eu sinceramente, eu diferentemente de muita gente, eu tinha mais preocupação de perder a voz do que de morrer. Ou seja, porque eu, se eu perdesse esta voz, eu já tava morto; entende?"

No capítulo VIII, intitulado “Da arte de conversar”, do livro III de seus *Ensaíos*, Montaigne afirma que se lhe coubesse tal escolha consentiria, antes, “em perder a vista do que o ouvido ou a fala”.¹ Quatro séculos mais tarde e do outro lado do Atlântico, numa noite de abril de 2012, em entrevista exibida pela *TV Cultura*, Lula não coteja os sentidos, mas, dramática e emotivamente, confronta a vida com voz à morte no silêncio, conforme lemos na epígrafe. Sua maior preocupação com a voz do que com a morte reitera a seu modo o que tantos já haviam dito sobre os riscos que ele corria, caso se desse a perda de sua voz ou uma sua significativa alteração, motivada pelo câncer na laringe de que ele até então estava acometido. Depois de curado, Lula parecia possuir uma justa medida da importância de sua voz.

¹ Michel de Montaigne, *Ensaíos* (Brasília: Editora da UNB e Hucitec, 1987): 242-258.

Desde o anúncio da doença, cujo diagnóstico fora divulgado em outubro de 2011, emergiu uma grande e heterogênea série de enunciados sobre os riscos que ela apresentava para sua voz e, por extensão, para sua atuação na vida pública brasileira. Em vários domínios sociais, surgiam dizeres acerca da enfermidade do ex-presidente e de suas possíveis e nefastas sequelas: os poderes e perigos da voz de Lula foram tema de conversas cotidianas, de mensagens em redes sociais, de debates entre profissionais da saúde, de comentários da classe política, de notícias e artigos da mídia. Nossa proposta aqui consiste em interpretar alguns desses dizeres que tematizaram a voz de Lula, na tentativa de depreender suas distintas posições e seus diferentes procedimentos retóricos.

Além disso, buscaremos ainda estabelecer uma reflexão sobre certos ecos da memória nacional conservados na voz de uma das figuras mais importantes da história do Brasil. Ou seja, diante dessa efervescência de dizeres sobre a voz do ex-metalúrgico que se tornou presidente da República, somos frequentados pelas seguintes questões: quando falamos da voz? Por que se falou tanto da voz de Lula? Quais são os sentidos dessas falas? Qual o papel que ela desempenhou em sua eloquência, na composição de seu carisma e em seu sucesso político? Sem termos a pretensão de responder exaustivamente a essas perguntas, gostaríamos ao menos de esboçar aqui uma breve interpretação a seu respeito.

QUANDO FALAMOS DA VOZ?

Em respostas de populares a uma questão concernente à facilidade e/ou dificuldade para falar sobre a voz,² observamos a confirmação de nossa hipótese,³ segundo a qual os discursos sobre a e em defesa da voz surgem mais frequente e intensamente quando ela se encontra real ou imaginariamente ameaçada. A despeito da onipresença da atividade epilinguística na fala humana, ou seja, dessa faculdade que faz com que

² Flávia Gobbi, *O que dizem por aí sobre a voz*. Dissertação de mestrado. (PUC/SP, 2004).

³ Carlos Piovezani, “Usos e sentidos da voz no discurso político eleitoral brasileiro”. *Alfa*. São Paulo, vol. 55, n. 01 (2011): 163-176.

constantemente falemos de nossa fala, a voz parece ser amiúde silenciada no dizer sobre o dizer, caso não se encontre de algum modo em perigo e não concentre em si algum poder. Eis abaixo dois desses depoimentos:

A gente fala, não presta atenção na, na voz. A não ser que você esteja gripada, alguma coisa. Mas se você vai falando no dia a dia, você não percebe o tom da voz [...].

Falar sobre a voz não foi muito fácil, porque a gente, eu nunca tinha percebido, nunca tinha alertado sobre a voz. [...] a voz é um negócio assim importantíssimo, mas eu nunca parei para falar da voz.

Outra questão constante nas entrevistas de Gobbi⁴ era “Você já se imaginou sem voz?”, da qual derivaram respostas como as seguintes:

Nossa! Acho que eu ia, eu ia ficar doida; porque falar é muito bom. Eu gosto de falar. Eu acho que se eu ficasse, se eu fosse uma pessoa sem voz, muda, eu não sei o que eu seria...

E quando você fica rouco e não pode falar, eu acho que angustia muito. Então a voz pra mim é assim, importante, tanto quanto o sangue... é a voz! O sangue alimenta e a voz retrata tudo que a gente, que a gente é, que a gente quer, né?!

Um paradoxo parece então envolver a voz: ela é, por um lado, fundamental nas relações sociais e, por outro, praticamente ignorada, quando ao abrigo de perigos que a ameaçam, numa mistura entre vocofilia e, se não propriamente uma vocofobia, ao menos certo desprezo pela voz... Ora, a escuta é um dos primeiros sentidos que se forma no feto; o último dos sentidos a descansar antes de dormirmos e o primeiro a despertar quando acordamos.⁵ Ademais, para satisfazer nossas necessidades simbólicas, toleramos voluntariamente certo desconforto respiratório, sacrificamos em alguma medida o mecanismo de respiração, indispensável à vida, para fornecermos um meio exigido pela produção da fala.

⁴ *Ibid.*

⁵ Anne Karpf, *La voix : un univers invisible*. (Paris: Autrement, 2008).

Ainda mais essencialmente, a voz é um elemento decisivo da fala sedutora que serve para “agir, à agir mieux, à agir sur l'autre –que ce soit pour l'espèce (Darwin) ou pour la cité (la rhétorique classique). *Voix* et *vox* agissent de manière équivalente, tant au regard de leurs antécédents (les passions motrices) que de leurs buts (pouvoir mieux agir) et de leur ancrage dans un système plus large (l'espèce chez Darwin, la cité chez les rhéteurs)”.⁶ Em contrapartida, a voz é não raras vezes concebida como mero meio material em cuja substância os sentidos ideais seriam veiculados. Seu caráter material não impede que ela seja compreendida em sua natureza mais ou menos evanescente e em sua qualidade relativamente fugaz, cujo funcionamento coaduna-se bastante bem com o imaginário de que o que realmente importa são as ideias.

O QUE DISSE A MÍDIA BRASILEIRA SOBRE A VOZ DE LULA?

Se os poderes e os perigos podem frequentar os usos da voz na sociedade em geral, com mais razão tendem a frequentá-los em alguns setores sociais, tal como o campo político, e tanto mais quando se trata do maior líder popular da política brasileira. Assim, o amplo e disperso conjunto de textos acerca dos riscos que corria a voz de Lula comporta um leque de dizeres que vão de eventuais imprecações, passando por declarações mais ou menos referenciais, até os predominantes votos de restabelecimento. Ao interpretarmos alguns enunciados da mídia impressa brasileira, nos quais se expressaram esses votos e se reiterou a ideia de que o ex-presidente possui na voz uma de suas forças, interessa-nos demonstrar que eles não provêm das mesmas posições e nem tampouco buscam a adesão de seus leitores aos mesmos pontos de vista.

Tomemos, por exemplo, um excerto da coluna de Eliane Cantanhêde, publicada aos 30 de outubro de 2011 no jornal *Folha de São Paulo*, logo no dia seguinte à difusão da notícia da doença de Lula:

⁶ Philippe-Joseph Salazar, “Darwin à Padoue: anthropologie de la voix au XVII^e et au XIX^e siècles”. In Barbara Cassin, Danielle Cohen-Levinas (dir.), *Vocabulaires de la voix* (Paris: L'Harmattan, 2008): 37-51.

“Uma das forças de Lula é a voz, a imensa, a impressionante capacidade de comunicação desse político inato que saiu de um casebre no interior do Nordeste e cativou o mundo. A voracidade política e as eleições municipais de 2012 serão decisivas para salvá-lo. Lula virou o que virou pela inteligência, o carisma e a voz. Ela não irá lhe faltar.”.

Uma breve análise do enunciado “Uma das forças de Lula é a voz”, relacionando-o aos demais dessa sequência textual e à posição de seu enunciador, atesta que eles são produto de um discurso no qual se afirma a aptidão comunicativa de Lula, que, por sua vez, liga-se ao seu gosto pelo poder, no sintagma nominal “A voracidade política”, construindo o efeito de que a avidez de Lula pelo poder é uma evidência incontestável. Além da voz, as outras “forças de Lula” são a “inteligência” e o “carisma”: a primeira é ali interpretada como senso de circunstância ou “esperteza” e a segunda, como ascendência exercida sobre outrem, mediante as imagens que o “astuto” político faz de si em suas intervenções. Há ainda a produção de uma empatia, sob a forma de algo que é concomitantemente um voto de restabelecimento e uma fala peremptória e profética, que se quer performativa, no último enunciado da sequência, passíveis de serem observados na expressão taxativa da negação e no tempo verbal, conjugado no futuro do presente.

Os sentidos produzidos ali se alinham bastante bem àqueles produzidos em outros textos do mesmo jornal: Lula é espontâneo e calculista. Depois de anunciada a cura de seu câncer, o editorial da *Folha* de 31 de março de 2012 diz o seguinte, ao comentar a entrevista, na qual o ex-presidente disse preferir a morte a perder a voz: “Lula não é dos que optam pela sensaboria e pelo convencionalismo. Sua decantada capacidade de comunicar-se talvez tenha, no fundo, uma chave bastante simples para ser entendida. Quanto mais idiossincrático, individualizado e inconfundível o político, mais amplo, provavelmente, é o alcance de sua mensagem ao eleitorado. [...] Espontaneidade, de resto, nunca foi sinônimo de ausência de cálculo. Político dos pés à cabeça, Lula é messiânico, demagógico, inconveniente, humano, simpático, calculista, esquivo, mas sobretudo real; Lula raras vezes pecou por esse aspecto.”.

A voz como uma das forças do ex-presidente equivale uma vez mais aqui à sua “decantada capacidade de comunicar-se”, que por seu turno remete à ideia de tratar-se de um “político dos pés à cabeça”, cujas características são: “messiânico, demagógico, inconveniente, humano, simpático, calculista, esquivo, mas sobretudo real”. A polissemia dos adjetivos dotados em princípio de valor eufórico (“humano”, “simpático” e “real”) é ressignificada nas combinações e substituições com as predominantes qualificações disfóricas e torna possível uma sua interpretação como falível e contraditório. Assim, a importância de sua voz está relacionada à sua habilidade comunicativa, que está a serviço de sua “voracidade política”, cujo exercício prevê cálculo, demagogia e dissimulação.

Além da coluna da jornalista e do editorial da *Folha*, muitos outros textos da mídia abordaram os perigos da (e sofridos pela) voz de Lula: dois deles, aliás, intitularam-se “A voz de Lula”, um de Tales Ab’Saber, publicado em março de 2012 na décima edição da Revista *Serrote*, e outro de Ruth de Aquino, publicado na Revista *Época* nos mesmos mês e ano. Neste último, encontram-se enunciados como os seguintes: “O presidente que cometeu mais gafes na história do Brasil conseguia quase sempre roubar a cena ao abrir a boca. [...] Sua voz rouca, com erros de português, metáforas de futebol e piados do povão, era o elo com a massa, na versão sindicalista exaltado ou do lulinha paz e amor. O Brasil teve outros oradores inflamados [...] que se expressavam com vigor também na escrita. Lula não. Exerce uma liderança oral. A maioria da população brasileira não domina a palavra escrita. [...] Num país assim, a voz é hipervalorizada como capital simbólico. Lula sempre falou demais. É uma boa notícia para todos que Lula tenha recuperado a voz e se sinta curado. Principalmente para Fernando Haddad, mais mudo sadio que Lula doente.”.

Observamos que não é exatamente o contentamento pela recuperação de Lula que está ali em relevo. Além disso, a capacidade comunicativa do ex-presidente é novamente realçada, mas, ao mesmo tempo, questionada, uma vez que se, por um lado, ele “conseguia quase sempre roubar a cena ao abrir a boca”, se estabelecia um “elo com a massa” e se exercia uma liderança, por outro, fazia-os, somente na modalidade oral, supostamente cometendo gafes como nenhum

outro presidente jamais o fizera, “com erros de português, metáforas de futebol e piadas do povão” e sempre falando demais. Os dois estilos do orador, “sindicalista exaltado” e “lulinha paz e amor”, correspondem às “duas caras” do sujeito, cujo público, que o legitima com seu apoio, é também deslegitimado e descreditado: a “massa”, a “maioria da população brasileira”, que lhe dera tanta popularidade, fizera-o, porque pretensamente não domina a “razão gráfica” e deixa-se ludibriar pela manipulação retórico-vocal de Lula.

De modo bastante distinto, Ab’Saber⁷ afirma que na voz de Lula deu-se, como jamais ocorreu com outro político brasileiro, em várias ocasiões o encontro entre a voz do grande homem e a do povo, que ele representava. Seguem dois passos de seu texto:

Lula tem voz de trovão do popular que rompeu o pacto conservador do homem cordial brasileiro. [...] é o popular moderno e finalmente liberto que rompeu o gesto de ser calado pelo intelectual e pela autoridade.

Para quebrar aquele cala-boca real do jogo da conciliação cordial brasileira [...] com sua tradicional concentração de poder, e seu rebaixamento do popular a espectador e a matéria neutra da história, que não deveria ter voz nem mesmo para as próprias dores, era necessário um corpo muito forte, de torneiro mecânico, e uma voz muito especial, também ela forte, consciente da própria potência, que explodisse tais laços consentidos de submissão que se perdiam nas noites dos tempos mais profundos da má conciliação brasileira.

Aparentemente como os textos da *Folha* e da *Época*, essas passagens falam da possibilidade de perda da voz de Lula e da força que ela concentra. Para Ab’Saber, porém, essa perda significaria o fim prematuro de nossa época, tendo em vista a familiaridade e a onipresença da voz de Lula para todos os brasileiros, sejamos nós seus partidários irrestritos, seus simpatizantes moderados ou seus adversários resolutos. A voz de Lula é, pois, uma das marcas de nossa época. Já sua força reside em sua energia de “trovão” capaz de romper “o pacto conservador do homem cordial brasileiro” e “o gesto de ser calado pelo intelectual e pela autoridade”, de “quebrar aquele cala-boca real [...] com sua tradicional concentração de poder” e de explodir os “laços consentidos de submissão que se perdiam nas noites dos

⁷ Tales Ab’Saber, “A voz de Lula”. *Serrote*, São Paulo, n. 10 (2012): 63-71.

tempos mais profundos da má conciliação brasileira”. Por meio da “potência” e de sua “inteligência” vocal, marcada apropriadamente com certos traços de seu timbre grave, áspero e gutural, Lula deu voz aos trabalhadores pobres brasileiros que, impelidos ao silêncio submisso, tal como o fora Fabiano, de *Vidas Secas*, não podiam (e imaginavam nem sequer saber) expressar suas constantes dores e sofrimentos e tampouco suas raras alegrias. Com sua eloquência popular, materializada numa “voz energizada”, o sindicalista dos anos 70 enfrentou a ditadura militar e fez “exigências urgentes ao país”.

O reconhecimento da força e do papel histórico desempenhado pela voz de Lula não impede que Ab’Saber nela identifique as contradições da história e da sociedade brasileiras, sintetizadas e representadas na identidade e nas relativas transformações dessa voz. É o que podemos observar nos seguintes fragmentos de seu texto:

De fato, aconteceu também uma verdadeira desmobilização das exigências do discurso e da voz do político, que só era séria agora, a partir da chegada ao governo em 2003, para garantir que tudo ia às mil maravilhas em seu país da ascensão de massas ao primeiro círculo do consumo, ou para demandar tolerância e impunidade dos privilegiados para os descaminhos de seu grupo e de seus aliados no poder, quando não até para simular a própria velha voz [...] para garantir ao *seu* povo brasileiro a identificação com o líder combativo que dava mesmo a garantia, pessoal, de que aquele povo finalmente podia se sentir incluído, no país da pior concentração de renda do mundo [...].

[...] no processo de integração social inexorável, a voz de Lula virou por fim cimento ideológico condescendente consigo mesmo, e com tudo o que existe, a voz de um povo orientado em massa para a vida de mercado.

A “incomensurável energia” dessa voz, que fala(va) em nome das urgências das classes pobres do Brasil, conhece, “a partir de sua chegada ao governo em 2003”, “uma verdadeira desmobilização” e cumpre a função de anunciar que “tudo ia às mil maravilhas em seu país da ascensão de massas ao primeiro círculo do consumo” e de “demandar tolerância e impunidade dos privilegiados para os descaminhos de seu grupo e de seus aliados no poder”. Em conjunto com a e/ou no lugar da voz do povo, a de um Lula autopropagandista, em cujas transformações pode ser observado um dos sintomas de nossos tempos, qual seja, a “ausência de vozes fortes” da cultura crítica. Na articulação entre ética e estética, a voz, agora enfraquecida,

aponta emblematicamente para a subordinação da política à economia, ao mercado do consumo, onde as falas, quanto mais forem leves e efêmeras, mais serão sedutoras e alienantes.

Após o anúncio do câncer de laringe de Lula e a notícia do restabelecimento de sua saúde, muitas vezes foram repetidas as “mesmas” afirmações: “a perda da voz de Lula seria uma grande perda...” e “uma das forças de Lula é a voz”. Os sentidos dessa privação e dessa potência definitivamente não são absolutos, mas construídos à medida que as palavras se inscrevem numa ou noutra posição. Quem perde e o que se perde com a perda da voz de Lula não são equivalentes para os dois discursos acima identificados. Do mesmo modo, a força dessa voz corresponde à aptidão comunicativa, à voracidade política, à verborragia demagógica, ao cálculo do poder e à manipulação popular, de um lado; e à capacidade de fazer ouvir a voz do povo oprimido, enfrentando poderosas elites, e/mas também a de ecoar as vozes conservadoras da sociedade brasileira, cuja fala consiste em “cimento ideológico condescendente consigo mesmo”, que orienta o povo em massa para o império do capital. Em mais de um sentido, as vozes dos sujeitos da *polis* não possuem o mesmo sentido, os mesmos pontos de vista e o mesmo alcance.

OS DOIS TIMBRES DE LULA: PARADOXOS DA TRANSFORMAÇÃO CONSERVADORA

A entrada e a saída de Lula de sua condição de presidente da República ligam-se tal como as faces de Janus e formam um único círculo virtuoso: sua vitória nas eleições presidenciais em 2002 foi sem dúvida um dos mais importantes acontecimentos da história brasileira e o final de sua gestão foi coroado com uma imensa aprovação popular em 2010. Ao longo desses oito anos, o ex-sindicalista conquistou um sucesso político praticamente hegemônico. Senão antes, já durante sua campanha eleitoral, prenunciava-se sua estratégia política e retórica para consegui-lo: “Eu vou conversar com todas as pessoas, vou tentar juntar todos os homens e todas as mulheres de bem do nosso querido Brasil!”. Para falar a “todos” os brasileiros foram e continuam sendo precisos ao menos dois timbres...

A que se deve esse inegável êxito de Lula? À inédita, efetiva e eficaz implementação de programas sociais e à adesão não menos real à política arcaica, conservadora e clientelista da cultura brasileira, simultaneamente possíveis graças ao seu espírito conciliador e ao seu carisma popular. Em suas palavras e ações, o ex-presidente falou e fez como nunca antes algo pelos miseráveis e quase não falou e fez menos do que devia para alterar a absurda concentração de renda no país. A pedra angular de seu *modus operandi* foi a constante e explícita vontade de articular os polos extremos em seu governo, em seu corpo e em sua voz. Neles, Lula conciliou os ecos de sua condição de nordestino, trabalhador, pobre e popular, porque atento às mazelas de uma imensa parte de seu povo, e seu estado de brasileiro, presidente, burguês e cosmopolita, porque perfeitamente ajustado à lógica do capital globalizado.

Eis aí uma mistura bem brasileira entre um *il faut faire* e um *laissez-faire*, que redundava em insuficientes transformações eivadas de péssima conservação para os miseráveis e de ótima manutenção para os riquíssimos. Enfim, sua autoridade carismática foi produzida por reconhecimento e produziu obediência, mas não por um “poder extraordinário”; antes, Lula sempre se nos apresentou como um “igual”: de maneira espontânea e emotiva, em léxico e gramática de meio-de-semana, ele pôde falar de pobreza, fome, analfabetismo e exploração com o lastro da autenticidade da experiência vivida. O carisma popular facilitou-lhe o estabelecimento de pactos conservadores com o pior das elites econômicas e políticas do Brasil.

No corpo e na voz de Lula está inscrita nossa história. Em sua mão esquerda, a ausência do dedo mínimo é a presença do poder da navalha na carne do trabalhador brasileiro, estigma de classe gravado em sua anatomia; porém, já há algum tempo que seu corpo não mais padece dos sofrimentos do trabalho duro. Por sua vez, a voz de Lula é também uma síntese de traços de diferentes temporalidades e valores da história brasileira: mediante suas propriedades e modulações, foram ouvidos gritos de dor, de resistência e de libertação, tal como num verso de Gregório de Matos: “O voz zelosa, que dobrada... brada”; mas também nela ecoaram antigas e renitentes vozes retrógradas.

A política não se encerra na fala, mas começa por ela. Em todas as sociedades, o exercício do poder passa pela fala e a fala, pela voz⁸. Trata-se de um fenômeno político por excelência, porque suas marcas e inflexões consistem num elemento constitutivo e privilegiado do laço social. A voz de Lula (de frequência lenta e tom grave, de qualidade rouca e áspera e de pronúncia por vezes abafada) é em diferentes sentidos uma sua força e um elemento político por definição. Por essa razão, foi dito por ele e por outros que sua perda representaria “a morte de um tempo antes de seu próprio fim”.

Com efeito, há identidades e diferenças no que já se disse sobre a voz em épocas e lugares distintos. Por um lado, existem fortes ressonâncias e marcantes consonâncias entre Aristóteles, Quintiliano, Alvarado e Darwin; por outro, Montaigne e Lula definitivamente não dizem a mesma coisa, quando de suas falas sobre a possibilidade de perdê-las: para o primeiro, a arte da conversação não corresponde a ouvir e a dizer o que cada um deseja escutar, ou seja, a eliminar as tensões; ao contrário, pretende promovê-las num firme, mas não violento e teimoso corpo a corpo. Para Lula, a perda da voz representa, antes, a ruína de sua comunicação carismática, conciliadora e dirigida aos muito pobres e aos muito ricos da nação brasileira. Com Lula, parte destes últimos conseguiu alguma vez e alguma voz, em sua inserção ao mercado básico de consumo e na possibilidade de projetar outros desejos nessa mesma ordem da mercadoria. Alguns deles continuam, contudo, a esperar de longe uma efetiva cidadania plena; muitos outros, pela premência do essencial e/ou pela suposta satisfação do supérfluo, infelizmente, ainda nem sequer podem sonhar com ela.



⁸ Carlos Piovezani, *Verbo, Corpo e Voz: dispositivos de fala pública e produção da verdade no discurso político* (São Paulo: Editora UNESP, 2009). Ver também: Barbara Cassin, “Como a política é uma questão de *logos*”. In *O efeito sofisticado*. (São Paulo: Editora 34, 2005): 65-75.